

Manifestações de confiança na política econômica

Econ. Brasil

Depois de alguns dias de conversações com importantes dirigentes de instituições financeiras européias, o ministro do Planejamento, Antonio Delfim Netto, começa a manifestar, sem rodeios, o seu costumeiro otimismo, motivado pelas reações favoráveis de banqueiros, hoje muito mais satisfeitos com a administração da economia brasileira do que em 1980, diante da possibilidade de um superávit na balança comercial estimado em US\$ 700 milhões e da queda do índice de inflação.

Não é apenas o comportamento desses indicadores que provoca essa atitude. Os banqueiros internacionais também estão satisfeitos com a maneira pela qual as autoridades econômicas vêm administrando a dívida externa, conforme declarou o porta-voz da diretoria do Dresdner Bank, Hans Friedrichs, na oitava sessão da Conferência Mista Brasil-

Alemanha, ao fazer críticas ao ceticismo existente em algumas áreas quanto à capacidade brasileira de fazer frente aos compromissos do serviço da dívida. O representante do banco alemão destacou ainda o fato de o Brasil ter elevado para 23% a sua auto-suficiência em petróleo.

No mesmo encontro, a diretora do Departamento de Comércio Exterior do Ministério da Economia da Alemanha Federal, Helga Steeg, revelou que os empresários alemães "estão cada vez mais dispostos a continuar investindo no Brasil", o mais importante parceiro comercial da Alemanha na América Latina.

Enquanto se ouvia depoimentos com esse tom otimista na Europa, nos Estados Unidos o grupo de economistas do Chase Manhattan Bank registrava o melhor desempenho da balança comercial em 1981, destacando o crescimento verificado nas exportações de produtos manu-

faturados e outras mercadorias. O relatório apontou o êxito obtido nas exportações de produtos como frangos congelados, suco de laranja e carne, e lembrou ainda a queda nas vendas externas de café, da ordem de 35%, causada pela instabilidade dos preços no mercado internacional.

Apesar desse problema, afirmam os economistas do Chase, em oito meses as exportações brasileiras cresceram 18%, ao passo que as importações diminuíram 0,7%. O único produto importado que apresentou crescimento foi o petróleo, mas apenas em valor, porque o volume comprado pelo País diminuiu.

Talvez essas demonstrações de confiança na economia brasileira sejam um alívio para todos aqueles que, neste momento, se preocupam com eventuais dificuldades para a captação do volume de recursos ne-

cessários ao "fechamento" do balanço de pagamentos no próximo ano. A julgar pelo clima que o ministro do Planejamento encontrou, 1982 será um ano bem melhor para o Brasil no tocante à obtenção de empréstimos externos, principalmente se forem certas as previsões de novas baixas da Libor (taxa interbancária de Londres) e da *prime rate* (taxa para clientes preferenciais dos bancos norte-americanos), feitas pelos banqueiros da City.

Evidentemente, essa mudança de imagem junto à comunidade financeira internacional não foi fácil. Ela impôs ao País grandes sacrifícios, mas também trouxe a certeza de que os credores externos estão confiantes na capacidade de recuperação da economia brasileira, a qual, de agora em diante, passará a crescer com maior realismo e, esperamos, sem flutuações exageradas.